

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO EDIFICAÇÕES	CÓDIGO DA FICHA					
	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
	UF	sítio-.	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Barbalha.
LOCALIDADE	Barbalha.
MUNICÍPIO / UF	Barbalha / CE.

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Igreja de Nossa Senhora do Rosário
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Igreja do Rosário
ENDEREÇO	Praça do Rosário
PROPRIETÁRIO	A edificação pertence à Paróquia de Sto. Antônio de Barbalha
AUTOR DO PROJETO	Desconhecido.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA
CATEGORIA	☐ CIVIL ☐ MILITAR ☒ RELIGIOSA ☐ INSTITUCIONAL ☐ INDUSTRIAL ☐ COMEMORATIVA ☐ MOBILIÁRIO URBANO OU OBRA DE ARTE
ÉPOCA DA CONSTRUÇÃO	O início da construção se deu em fins do século XIX, com o lançamento da pedra, em junho de 1892. Contudo, a obra ficou parada por muito tempo, sendo inaugurada apenas em 02 de fevereiro de 1921.
PROTEÇÃO EXISTENTE	Não há nenhum tipo de tombamento.

3. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DOS DOCUMENTOS LOCALIZADOS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

Consultar Cd de imagens deste inventário.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

4. Descrição arquitetônica

4.1. AMBIÊNCIA

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário é uma edificação do Século XIX, que foi construído no Sítio Histórico da cidade, especificamente entre a Rua 08 (esquerda), Rua 09 (direita), Rua 7 de setembro (à frente) e a Rua Major Sampaio (atrás). O imóvel posicionado solto no lote, destaca-se, dentre as demais construções à sua volta, por sua bela imponência.

4.2. CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS

Não foram mencionados.

4.3. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Não foram mencionados.

4.4. BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

Não foram mencionados.

5. CRONOLOGIA

DATA		
Década de 1860.		As entrevistadas Maria Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio, pertencentes a uma família tradicional de Barbalha, administraram a Igreja do Rosário por mais de uma década, de 1989 a 2004, quando passaram o templo à Paróquia de Sto. Antônio de Barbalha. Elas, que são primas, narraram a história da Igreja do Rosário baseada em relatos de familiares e no livro de crônicas “Casa de Mãe Iaiá III”, de autoria de Maria Alacoque Sampaio. O desejo de construir um templo em louvor a Nossa Senhora do Rosário em Barbalha, teria nascido no início do século XIX, entre os escravos da localidade. A santa era a padroeira dos cativos e era comum, em todo Brasil, a reunião destes em torno de irmandades religiosas dedicadas à Virgem do Rosário. Barbalha, que na época era freguesia, não fugiu a tradição, já que, no ano de 1860, conforme Lei nº 938, de 11 de agosto de mencionado ano, foi fundada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Barbalha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES		CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
Década de 1890.		Conforme o texto “Cinquentenário da Igreja do Rosário” de Dr. Antônio Lyrio Callou, esta irmandade do Rosário teria realizado as escavações dos alicerces de um templo dedicado à padroeira, “os quais foram soterrados pelos sucessivos invernos” (1986:134). Isolda acrescentou que, provavelmente, esses alicerces não teriam sido feitos no lugar onde hoje se encontra a Igreja do Rosário, já que, quando criança, costumava ouvir as pessoas se referirem a uma Rua do Rosário, localizada nas proximidades do Cemitério Público, sendo hoje conhecida oficialmente como Rua Senador Alencar. Para Isolda, essa nomenclatura não oficial podia ser uma referência ao local onde os antigos alicerces foram cavados: “Porque só de boca tinha esse nome, porque nunca teve essa Rua do Rosário do nosso tempo pra cá; não existiu”. Tal informação é respaldada pelo trecho da Ata de Fundação da Igreja do Rosário [ver campo 10.3], datada em 02 de fevereiro de 1921. “Com a extinção do elemento servil e consequentemente dispersão dos pretos, ficou novamente esquecida a idéia, surgindo mais tarde, abraçada pelo espírito empreendedor e esclarecido do Vigário da Paróquia – Pe. João Francisco da Costa Nogueira, que também como os outros não pode prosseguir. Ficou, então a construção parada durante sete anos. Coube ao Pe. Manoel Cândido dos Santos, Vigário da Paróquia, a iniciativa da construção com o lançamento da pedra fundamental em Junho de 1892” (Callou, 1986:134). No dizer de Aída, a construção foi retomada em 1892, já no local onde atualmente está erigida a Igreja do Rosário, durante o paroquiato do Pe. Cândido dos Santos. O interessante é que, aparentemente, nesse momento, José de Sá Barreto Sampaio, conhecido como Zuca Sampaio (avô das depoentes, doador do terreno do Rosário e um dos doze mesários da Irmandade do Rosário eleito no ano de 1931*) e Antônio Correia Sampaio Filgueiras (Totonho Filgueiras), assumiram a captação de recursos e a direção da obra. Conforme as entrevistadas, a irmandade negra, não estava mais a frente da edificação. Contudo, tal afirmação entra em contradição com o “Livro Caixa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, anos de 1891 a 1934”, que expõe os gastos patrocinados pela irmandade, tendo a frente, o mesário Zuca Sampaio, para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Barbalha. Aída lança uma tentativa de explicação para tal substituição: “Um dos motivos que parou, que houve o adiamento da construção do templo, recomeçou só, né, em 1892, (...), é por que houve, com a Abolição da Escravatura, eles [os ex-escravos] se dispersaram (...), pelo menos um grande número saiu de Barbalha. Alguns é que permaneciam”. Nesta linha de pensamento, a retomada da construção de um templo à Virgem do Rosário, na década de 1890, passou para as mãos dos familiares das entrevistadas, que organizaram o sistema de subscrições anuais, pelo qual a população de Barbalha se comprometia a fazer doações endereçadas à edificação.					
1906		“Em 1906, quando as paredes estavam em condição de receber o tecto, não resistindo à forte invernada, desabou a colunata central que formava a nave do templo. Reencetada a construção em 1907, deixa, então, a Paróquia, o Pe. Manoel Cândido, ficando a igreja coberta do lado do Sul, mas ainda sem torre” (CALLOU, 1986:134). Então, Antônio Corrêa Sampaio Filgueiras e José de Sá Barreto Sampaio, continuaram com a construção até 1914, quando houve o movimento armado.					
Década de 1910.		Segundo as entrevistadas, houve ainda outras interrupções na obra: no ano de 1910, um inverno forte sobreveio à cidade, causando o desabamento de parte das paredes e da torre em construção. No ano de 1914, a Sedição de Juazeiro (ver campo 10.3) e o resultante saque à Barbalha, fez com que diversas famílias deixassem a cidade, entre as quais os Sampaio. A construção parou totalmente, sendo retomada quatro anos depois, em 1918, quando Zuca Sampaio voltou para Barbalha.					

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES		CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
1921	Por fim, em 02 de fevereiro de 1921, quando os católicos comemoram a purificação de Maria, a Igreja do Rosário foi inaugurada. A cidade viveu momentos de festa, já que as comemorações duraram três dias, contando com a presença do Bispo Diocesano do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva e do clero em peso da região do Cariri. Aída narra como foi a cerimônia, iniciada ao alvorecer, às 5:00, do dia 02 de fevereiro: “O bispo, acompanhado de todos esses padres e irmandades, banda de música, partiu da Igreja Matriz [de Sto. Antônio de Barbalha] até aqui [Igreja do Rosário], aí... foi a bênção: ele [o bispo] circulou a igreja [do Rosário] todinha, jogando [aspergindo] água benta. Depois, aí cantou salmos apropriados para esse horário na porta da igreja. Depois entrou até o pé do altar [de Nossa Senhora do Rosário], aí, nessa hora mesmo – disse que [a procissão] saiu às cinco de lá [da matriz], então devia ser bem cedinho – foi celebrada a primeira missa. Mas a missa, mesmo que foi para o público mesmo, a missa, vamos dizer, que era mesmo de inauguração [por contar com a participação do povo], foi às dez horas da manhã. E depois, aí a tarde, teve um Te Deum a tarde de ação de graças. Depois a reza do terço. Isso então aconteceu pelos outros dias, então, tudo isso novamente (...).”						
	Quanto a autoria do projeto arquitetônico da Igreja do Rosário, as entrevistadas disseram nada saber informar. Contudo, Isolda disse que lembra ter ouvido de familiares que a planta da edificação veio de São Paulo, sob encomenda de seu avô. Contudo, se tal afirmação é correta, não se sabe o paradeiro da planta. As imagens e alguns objetos sacros, tais como o sacrário, presentes no Rosário, vieram da França, ainda antes da conclusão da edificação, sendo doação de Cosma Porcina de Sá Barreto, que as entrevistadas julgam ter sido prima de Zuca Sampaio. O altar-mor e os altares laterais – dedicados à Sant’ana e São Joaquim (pais de Maria) e à Santa Teresinha do Menino Jesus –, além do confessionário – que já não existe – foram entalhados em madeira por artesãos, em sua maioria, barbalhenses. Por meio da leitura de um trecho de crônica de Alacoque Sampaio, Aída relatou o nome dos artistas responsáveis: Manoel Roque (Santana do Cariri), José de Freitas, Luiz Gomes e João Tijubina. Para as entrevistadas, a Igreja do Rosário é um símbolo da fé da população barbalhense, já que foi o dinheiro destes quem erigiu a edificação, não contando com apoio financeiro do Estado ou da Igreja. Segundo às mesmas, o valor final do templo foi alçado em cem contos de réis (CALLOU, 1986), uma verdadeira fortuna, advinda inteiramente do compromisso dos moradores da cidade para com Nossa Senhora do Rosário.						
Até 1952	Até 1952, a parte aos fundos da Igreja do Rosário, onde funciona uma espécie de sacristia, possuía apenas uma andar, de forma que o teto, alto no corpo da igreja, acabava declinando nesta parte, até encontrar o andar térreo. Maria Alacoque Sampaio, que já administrava o Rosário naquela época, não se conformava com tal coisa, e empreendeu uma campanha, a fim de arrecadar fundos para construção de um primeiro andar, assim equiparando a altura da sacristia com resto da igreja. Segundo Aída, sua tia ligou para todos os amigos de Barbalha que conhecia, pedindo que contribuíssem com a reforma. A campanha foi um sucesso, já que no Natal daquele ano “ocorreu a inauguração desse pedacinho que faltava na igreja (...)” .						

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES		CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
-------------------------------------	--	----	----------	----------	----	-----	----

Década de 1960 e 1970	Entre fins da década de 1960 e 1970, o Rosário passou por outras reformas, empreendidas sobre a orientação do pároco de Barbalha da época. Isolda relata que as reformas começaram em 1967, já não casara na igreja, no ano de 1968, por conta do prosseguimento de tais obras. Segundo a entrevistada, o piso original era composto por tijolos sextavados, hexagonais, e foi então substituído por “mosaicos”, como o ladrilho hidráulico é conhecido em Barbalha. Por outro lado, as colunas – bases da série de arcos que compõem as laterais internas do templo – eram mais grossas na parte inferior. Houve, então, um estreitamento destas partes, sendo também revestidas por pedra: “(...) aquelas colunas foram cortadas e ele [o pároco] revestiu com uma pedra, a coluna, porque o povo sujava e tinha que ficar pintando constantemente; então ele revestiu, ainda hoje elas são, assim, com essa pedra (...)”. As grades de madeiras, localizadas nos arcos laterais e em volta do altar-mor, foram retiradas, na busca de otimizar o espaço interno do templo. Junto com o confessionário, descrito por Isolda como uma linda obra de arte, tais grades foram colocados na parte superior do templo, sendo paulatinamente comidos pelos cupins. Até mesmo o lustre que marcava, através de um luz vermelha mantida a óleo, a presença do Santíssimo Sacramento no templo, foi retirado na reforma. Tal lustre se encontra atualmente em das salas da casa de Isolda.
-----------------------	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

6. SENTIDOS REFERENCIAIS

6.1. HISTÓRIA

As entrevistadas narraram a história da Igreja do Rosário baseadas em relatos de familiares e no livro de crônicas “Casa de Mãe Iaiá III”, de autoria de Maria Alacoque Sampaio. Neste livro, há transcrito a Ata de Inauguração da Igreja do Rosário (02/02/1921), que contém informações sobre a Igreja do Rosário e as festas dos Reis Congos de Barbalha, segue a transcrição do trecho que foi lido por Aída Sampaio:

“A idéia da construção da Igreja do Rosário nasceu há um século, mais ou menos, entre os homens de cor, gente simples, piedosa, congregada, mais tarde, em uma irmandade, a de Nossa Senhora do Rosário [em Barbalha], que ansiavam pela criação de um templo dedicado à padroeira de sua associação. Essa idéia, porém, ficou longo tempo incubada na mente dos modestos homens do povo, e pelas vias de 1860, é que chegou a exteriorizar-se em fato, com a escavação dos alicerces, na rua dessa cidade que desde então tomou o nome de Rua do Rosário. Entretanto, a execução da construção não passou dos alicerces, os quais foram soterrados pelas sucessivas inverniais (...) ficando, contudo, sempre radicada na mente tenaz de seus promotores essa idéia, encarnada num festival anual, fosse no intuito de angariar-se recursos com o resultado da festa, ou fosse unicamente na esperança de que aquela festividade – celebrada, invariavelmente, todos os anos na época do Natal, até o Dia de Reis – lhes avivasse a memória, jamais lhes deixando olvidar o intento, que os anima, da construção de uma igreja. Assim, a festa dos Reis Longos [Congos], entre as classes escravistas de Barbalha, foi um argumento novo de fé. Nela tendiam todas as suas esperanças, de modo a tornar-se os mais fortes e seguros elementos de incrementos, incessantes, da idéia tenaz, cheia de vicissitudes, mas sempre dominante, da construção de um altar a Virgem do Rosário. Há, portanto, a maior oportunidade, nesse momento de auspicioso augúrio (...), em descrevermos a festa dos Reis Longos** [Congos] nessa concatenação de idéias que fizeram surgir para concretizar, mesmo os menores detalhes que fazem parte, com as energias empregadas e os sacrifícios feitos, as ânsias e os temores de tempo e trabalho sacrificados, da realidade do fim almejado. As festas dos Reis Longos [Congos] buscava sua origem numa reminiscência lendária, quiçá histórica, de fato político, ocorrido em época remota, num recanto obscuro da costa da África. Tinha o cunho característico da lenda, de par com algo de veracidade, de acontecimento rememorado pelos pretos, já deturpado pelos ecos da distância dos tempos. O enredo era simples e versava [ver campo 10.3] em torno de uma guerra, na qual um povo ignorado triunfava dos Reis Longos [Congos] e mandava-lhes um embaixador exigindo que o príncipe herdeiro da coroa jurasse fidelidade e afirmasse vassalagem perpétua a seus dominadores, vassalagem, aliás, já imposta e aceita pelos próprios Reis Longos [Congos]. Este rei e rainha apresentavam-se no cenário engalanados a grande uniforme, manto encarnado de fazenda fingindo púrpura pendentes dos ombros, espelho redondo ao peito, fazendo de comenda (...), medalhões de aljófar (...) coroados de coroas de papelão e papel de lacre, que brilhavam ofuscando a vista dos presentes. Tinha a sua corte, composta de guerreiros, empunhando lanças e vestindo todos a grande uniforme, à romana, de cores as mais variadas. Desenrolava-se, então, a cena na qual começava com um combate, ao som de canções guerreiras, na qual era vencido o Rei Congo (...). Aparece, então, o embaixador, trajando calças escarlates, até o joelho, meias pretas, sapatos de entrada baixa, com fivelão, parecendo de ouro, jaleco azul que afogava-lhe junto ao pescoço e caia em compridas abas abaixo da cintura, donde deixava ver suspensa uma espada. O embaixador, em tom arrogante, obtém a confissão da história do rei, exige juramento do príncipe. Rei e rainha, humilhados com a sua soberania, acovardados e miseráveis, imploram ao príncipe o juramento que há de por termo à luta. O príncipe resiste, permanece intransigente, e a rainha, vendo-se perdida, faz um voto à Virgem do Rosário. A resistência do príncipe salva a situação, então trocam-se os papéis. A luta continua, o time das espadas casa-se com as canções dos guerreiros, agora reanimados pela força da vontade de seu chefe, sendo rendido afinal e prisioneiro o embaixador com seu troço”.

Nossa Senhora do Rosário era a padroeira dos cativos e era comum, em todo Brasil, a reunião destes em torno de irmandades religiosas dedicadas à Virgem do Rosário. Barbalha, que na época era freguesia, não fugiu a tradição, já que, no ano de 1860, conforme Lei nº 938, de 11 de agosto de mencionado ano, era fundada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Barbalha.

Conforme o texto “Cinquentenário da Igreja do Rosário” de Dr. Antônio Lyrio Callou, esta irmandade teria realizado as escavações dos alicerces de um templo dedicado à padroeira, “os quais foram soterrados pelos sucessivos invernos” (1986:134). Isolda acrescentou que, provavelmente, esses alicerces não teriam sido feitos no lugar onde hoje se encontra a Igreja do Rosário, já que, quando criança, costumava ouvir as pessoas se referirem a uma Rua do Rosário, localizada nas proximidades do Cemitério Público, sendo hoje conhecida oficialmente como Rua Senador Alencar. Mas para Isolda, essa nomenclatura não oficial podia ser uma referência ao local onde os antigos alicerces foram cavados: “Porque só de boca tinha esse nome, porque nunca teve essa Rua do Rosário [citado acima, no trecho da Ata de Fundação da Igreja do Rosário] do nosso tempo pra cá; não existiu”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

“Com a extinção do elemento servil e consequentemente dispersão dos pretos, ficou novamente esquecida a idéia, surgindo mais tarde, abraçada pelo espírito empreendedor e esclarecido do Vigário da Paróquia – Pe. João Francisco da Costa Nogueira, que também como os outros não pode prosseguir. Ficou, então a construção parada durante sete anos. Coube ao Pe. Manoel Cândido dos Santos, Vigário da Paróquia, a iniciativa da construção com o lançamento da pedra fundamental em Junho de 1892” (1986:134). No dizer de Aída Sampaio, a construção foi retomada em 1892, já no local onde atualmente está erigida a Igreja do Rosário, durante o paróquiato do Pe. Cândido dos Santos. O interessante é que, aparentemente, nesse momento, José de Sá Barreto Sampaio, conhecido como Zuca Sampaio (avô das depoentes, doador do terreno do Rosário e um dos doze mesários da Irmandade do Rosário eleito no ano de 1931*) e Antônio Correia Sampaio Filgueiras (Totonho Filgueiras), assumiram a captação de recursos e a direção da obra. Conforme as entrevistadas, a irmandade negra, não estava mais a frente da edificação. Contudo, tal afirmação entra em contradição com o “Livro Caixa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, anos de 1891 a 1934”, que expõe os gastos patrocinados pela irmandade, tendo a frente, o mesário Zuca Sampaio, para a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Barbalha.

Aída lança uma tentativa de explicação à ausência de escravos interessados em continuar a construção: “Um dos motivos que parou, que houve o adiamento da construção do templo, recomeçou só, né, em 1892, (...) é por que houve, com a Abolição da Escravatura, eles [os ex-escravos] se dispersaram (...), pelo menos um grande número saiu de Barbalha. Alguns é que permaneciam”. Nesta linha de pensamento, a retomada da construção de um templo à Virgem do Rosário, na década de 1890, passou para as mãos dos familiares das entrevistadas. Os amigos de Zuca Sampaio e Totonho Filgueiras, logo atuaram “corpo-a-corpo” para a concretização do templo: “(...), dizem que até ajudar a carregar pedras, eles ajudaram. Quer dizer, que era uma coisa, assim, de toda população”. Para conseguir o intento, instituíram um programa de subscrições anuais, onde “as pessoas se comprometiam, como se fosse o pagamento de um aluguel”. Ainda segundo Aída, a contribuição seria proporcional à condição social das pessoas: “(...) os mais ricos davam mais e os mais pobres davam menos. Mas, todo mundo, a cidade inteira, contribuiu, não só com a parte do dinheiro, como também no trabalho, né, uma coisa assim... um mutirão para fazer essa igreja”.

“Em 1906, quando as paredes estavam em condição de receber o tecto, não resistindo à forte invernada, desabou a colunata central que formava a nave do templo. Reencetada a construção em 1907, deixa, então, a Paróquia, o Pe. Manoel Cândido, ficando a igreja coberta do lado do Sul, mas ainda sem torre” (CALLOU, 1986:134). Então, Antônio Corrêa Sampaio Filgueiras e José de Sá Barreto Sampaio, continuaram com a construção até 1914, quando houve o movimento armado. Segundo as entrevistadas, houve ainda outras interrupções na obra: no ano de 1910, um inverno forte sobreveio à cidade, causando o desabamento de parte das paredes e da torre em construção.

No ano de 1914, a Sedição de Juazeiro (ver campo 10.3) e o resultante saque à Barbalha, fez com que diversas famílias deixassem a cidade, entre as quais os Sampaio. A construção parou totalmente, sendo retomada quatro anos depois, em 1918, quando Zuca Sampaio voltou para Barbalha. Por fim, em 02 de fevereiro de 1921, quando os católicos comemoram a purificação de Maria, a Igreja do Rosário foi inaugurada. A cidade viveu momentos de festa, já que as comemorações duraram três dias, contando com a presença do Bispo Diocesano do Crato, Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva e do clero em peso da região do Cariri. Aída narra como foi a cerimônia, iniciada ao alvorecer, às 5:00, do dia 02 de fevereiro: “O bispo, acompanhado de todos esses padres e irmandades, banda de música, partiu da Igreja Matriz [de Sto. Antônio de Barbalha] até aqui [Igreja do Rosário], aí... foi a benção: ele [o bispo] circulou a igreja [do Rosário] todinha, jogando [aspergindo] água benta. Depois, aí cantou salmos apropriados para esse horário na porta da igreja. Depois entrou até o pé do altar [de Nossa Senhora do Rosário], aí, nessa hora mesmo – disse que [a procissão] saiu às cinco de lá [da matriz], então devia ser bem cedinho – foi celebrada a primeira missa. Mas a missa, mesmo que foi para o público mesmo, a missa, vamos dizer, que era mesmo de inauguração [por contar com a participação do povo], foi às dez horas da manhã. E depois, aí a tarde, teve um Te Deum a tarde de ação de graças. Depois a reza do terço. Isso então aconteceu pelos outros dias, então, tudo isso novamente (...)”.

Quanto a autoria do projeto arquitetônico da Igreja do Rosário, as entrevistadas disseram nada saber informar. Contudo, Isolda disse que lembra ter ouvido de familiares que a planta da edificação veio de São, Paulo, sob encomenda de seu avô. Contudo, se tal afirmação é correta, não se sabe o paradeiro da planta.

As imagens e alguns objetos sacros, tais como o sacrário, presentes no Rosário vieram da França, ainda antes da conclusão da edificação, sendo doação de Cosma Porcina de Sá Barreto, que as entrevistadas julgam ter sido prima de Zuca Sampaio. O altar-mor e os altares laterais – dedicados à Sant’ana e São Joaquim (pais de Maria) e à Santa Teresinha do Menino Jesus –, além do confessionário – que já não existe – foram entalhados em madeira por artesãos, em sua maioria, barbalhenses. Por meio da leitura de um trecho de crônica de Alacoque Sampaio, Aída relatou o nome dos artistas responsáveis: Manoel Roque (Santana do Cariri), José de Freitas, Luiz Gomes e João Tijubina. Para as entrevistadas, a Igreja do Rosário é um símbolo da fé da população barbalhense, já que foi o dinheiro destes quem erigiu a edificação, não contando com apoio financeiro do Estado ou da Igreja. Segundo às mesmas, o valor final do templo foi alçado em cem contos de réis (CALLOU, 1986), uma verdadeira fortuna, advinda inteiramente do compromisso dos moradores da cidade para com Nossa Senhora do Rosário.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

Até 1952, a parte aos fundos da Igreja do Rosário, onde funciona uma espécie de sacristia, possuía apenas um andar, de forma que o teto, alto no corpo da igreja, acabava declinando nesta parte, até encontrar o andar térreo. Maria Alacoque Sampaio, que já administrava o Rosário naquela época, não se conformava com tal coisa, e empreendeu uma campanha, a fim de arrecadar fundos para construção de um primeiro andar, assim equiparando a altura da sacristia com resto da igreja. Segundo Aída, sua tia ligou para todos os amigos de Barbalha que conhecia, pedindo que contribuíssem com a reforma. A campanha foi um sucesso, já que no Natal daquele ano “ocorreu a inauguração desse pedacinho que faltava na igreja (...)”. Entre fins da década de 1960 e 1970, o Rosário passou por outras reformas, empreendidas sobre a orientação do pároco de Barbalha da época. Isolda relata que as reformas começaram em 1967, já não casara na igreja, no ano de 1968, por conta do prosseguimento de tais obras. Segundo a entrevistada, o piso original era composto por tijolos sextavados, hexagonais, e foi então substituído por “mosaicos”, como o ladrilho hidráulico é conhecido em Barbalha.

Por outro lado, as colunas – bases da série de arcos que compõem as laterais internas do templo – eram mais grossas na parte inferior. Houve, então, um estreitamento destas partes, sendo também revestidas por pedra: “(...) aquelas colunas foram cortadas e ele [o pároco] revestiu com uma pedra, a coluna, porque o povo sujava e tinha que ficar pintando constantemente; então ele revestiu, ainda hoje elas são, assim, com essa pedra (...)”.

As grades de madeiras, localizadas nos arcos laterais e em volta do altar-mor, foram retiradas, na busca de otimizar o espaço interno do templo. Junto com o confessionário, descrito por Isolda como uma linda obra de arte, tais grades foram colocados na parte superior do templo, sendo paulatinamente comidos pelos cupins.

Até mesmo o lustre que marcava, através de uma luz vermelha mantida a óleo, a presença do Santíssimo Sacramento no templo, foi retirado na reforma. Tal lustre se encontra atualmente em das salas da casa de Isolda.

Além de todas estas informações, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário é um dos marcos edificados de grande valor histórico para a nossa região, que faz parte do cenário de realização dos festejos de Santo Antônio, padroeiro de Barbalha.

6.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Em 02 de fevereiro de 1971, foi comemorado o cinquentenário da inauguração da Igreja do Rosário, e assim como em 1921, três dias de festa tomaram Barbalha. Sobre tal aniversário, informou Aída: “(...) aconteceu em 1971, no mesmo dia dois [de fevereiro]. Começou com tríduo preparatório; então, o primeiro dia era o dia das crianças, o segundo dia, da juventude, e o dia “D” [02/02] era dos casais, entendeu? Uma coisa, teve a presença de nosso bispo diocesano e muitos outros padres”. Entre os sacerdotes presentes no cinquentenário, a entrevistada destaca o Pe. Manoel Macedo – parente dos Sampaio e que esteve presente na celebração de 1921 –, residente em São Paulo, onde era diretor de uma congregação religiosa de freiras, que doaram o rosário que ainda se encontra na imagem da padroeira da edificação em questão.

Isolda relatou uma história humorada sobre a Igreja do Rosário. A edificação sempre esteve à disposição dos movimentos religiosos de Barbalha, servindo como sede da Legião de Maria e da catequese por muitos anos. De modo que, no período em que administrava a igreja, diversos indivíduos tinham cópias de sua chave. Segundo Isolda, era comum, por morar em uma rua exatamente atrás do Rosário, que pessoas a procurassem em sua casa – mesmo em altas horas da noite – após notarem que alguém esquecera a porta do templo aberta. Em uma destas ocasiões, foi acordada com a notícia de que alguém estava trancado dentro da igreja: “Uma vez foi engraçado. Eu tava [estava] aqui [em casa], assim, já deitada e alguém bateu [na porta da casa de Isolda], que tinha uma pessoa dentro da igreja, que batia na porta por dentro. E como é que a gente ia cuidar daquilo? Sei que fui com Zé Marcondes [esposo] e arranjamos não sei quem [risos]. Acordados: ‘Vamos ver quem é’. Chamei meu irmão [que mora ao lado] aqui, Vinícius, e fomos abrir. Como que a gente ia abrir essa igreja? ‘Quem é que está aí dentro?’ E era um cachorro [riso]. Coitadinho, tava fechado dentro, batendo nas portas. Pense a aflição”. A entrevistada temia encontrar o pior dentro da igreja e a única coisa que encontrou foi um pobre cachorro que fora esquecido dentro da edificação.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

6.3. USOS COTIDIANOS

A Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece durante todo o mês de outubro. Uma imagem de Nossa Senhora Rosário visita à casa de noitários, passando uma noite e um dia com estes. Às dezoito horas de cada dia, a imagem é levada em procissão até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, lá sendo então realizado o recitar do terço. Às dezenove horas, há uma celebração eucarística. Ao final desta, a imagem é levada em procissão para outra casa. No último dia do mês, ocorre o encerramento da festa, com a coroação da imagem de Nossa Senhora do Rosário.

OBS.: Apesar de não ter sido citado pelas entrevistadas, a Igreja do Rosário está no roteiro da celebração de Carregamento do Pau da Bandeira de Sto. Antônio, festividade extremamente importante para a identidade cultural dos Barbalhenses. Os carregadores passam com mastro diante do templo, para então pegar a Rua do Vidéo, que desemboca na Rua da Matriz, onde a bandeira de Santo Antônio de Pádua é hasteada, marcando o início dos festejos do padroeiro da cidade.

6.4. USOS CERIMONIAIS

A Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece durante todo o mês de outubro. Uma imagem de Nossa Senhora Rosário visita à casa de noitários, passando uma noite e um dia com estes. Às dezoito horas de cada dia, a imagem é levada em procissão até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, lá sendo então realizado o recitar do terço. Às dezenove horas, há uma celebração eucarística. Ao final desta, a imagem é levada em procissão para outra casa. No último dia do mês, ocorre o encerramento da festa, com a coroação da imagem de Nossa Senhora do Rosário.

OBS.: Apesar de não ter sido citado pelas entrevistadas, a Igreja do Rosário está no roteiro da celebração de Carregamento do Pau da Bandeira de Sto. Antônio, festividade extremamente importante para a identidade cultural dos Barbalhenses. Os carregadores passam com mastro diante do templo, para então pegar a Rua do Vidéo, que desemboca na Rua da Matriz, onde a bandeira de Santo Antônio de Pádua é hasteada, marcando o início dos festejos do padroeiro da cidade.

7. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Cortejo dos Grupos de Folguedos.	Consultar as Celebrações do Anexo 3.
Cortejo do Pau da Bandeira.	Consultar as Celebrações do Anexo 3.
A casa de Zuca Sampaio, ao lado da Igreja do Rosário. Construção do início do século XX, onde morou o principal responsável pela construção da Igreja do Rosário. A planta da casa seria de autoria do mesmo.	Consultar as Edificações do Anexo 3.

8. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

Consultar o Inventário de Bens Culturais Imóveis (IBCI) de Barbalha.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

9. DOCUMENTOS INVENTARIADOS

9.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL

Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Barbalha, aprovado pela Lei nº 938, de 11 de agosto de 1860.

CALLOU, Antônio Lyrio. "Cinqüentenário da Igreja do Rosário". In: Itaytera. Nº 30. Crato: Instituto Cultural Cariri, 1986.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

SAMPAIO, Alacoque. **A casa de mãe laiá**. Vol. III. Livro de crônicas que contém a transcrição da ata de inauguração da Igreja do Rosário. Com Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio.

9.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Consultar o A2.

9.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Consultar o IBCI de Barbalha.

10. OBSERVAÇÕES

10.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO

Sim, pois a edificação não foi anexada no IBCI de Barbalha.

10.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não foram citados.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

10.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

As duas entrevistadas (Maria Aída Sampaio Tavares e Maria Isolda Livônio Sampaio), pediram para serem entrevistadas juntas, já que são primas muito unidas e administraram a Igreja do Rosário, por mais de uma década, de 1989 a 2004, quando passaram o templo à Paróquia de Sto. Antônio de Barbalha.

Inaugurado o templo, em 02 de fevereiro de 1921, a família Sampaio continuou cuidando do mesmo, já que Zuca Sampaio habitava um casarão localizado atrás da igreja. Inclusive, a chave ficava com ele. Essa ligação dos Sampaio com o Rosário, ao longo do tempo, fez com que a edificação fosse julgada como propriedade privada daqueles. Contudo, as entrevistadas afirmam ter encontrado uma escritura que nega tal tese. Segundo o documento, o terreno teria sido doado pelo avô à Paróquia de Sto. Antônio, o que faria do Rosário propriedade desta.

Todavia, o tal documento ficou esquecido, durante décadas, a ponto da própria Paróquia e os Sampaio, aparentemente, desconhecerem-no. Nestas condições, a família manteve-se como guardião da edificação, sendo que, durante a maior parte do século XX, Dona Alacoque Sampaio, cronista, poetisa e devota de Nossa Senhora do Rosário, ficou à frente da administração. Faleceu no ano de 1994, recebendo sepultura no interior da Igreja do Rosário [Consultar o campo 11].

Em fins da década de 1980, Dona Alacoque, já se sentindo incapacitada para continuar cuidando do Rosário, tinha passado a administração para as sobrinhas Aída e Isolda, nossas entrevistadas. Segundo Isolda, em 1989 elas assumiram oficialmente o templo, pois, antes disto já estavam, de certa forma, à frente da igreja. Por esta época, organizaram uma espécie de associação para gerir a igreja, bem como prestar contas à Paróquia de Sto. Antônio. Isolda era a presidente e Aída a tesoureira.

Nas palavras de Aída, a Igreja do Rosário “era absolutamente autônoma, quer dizer, a paróquia [de Sto. Antônio de Barbalha] não gastava um centavo” com a edificação. Todavia, afirma a entrevistada, tudo era relatado minuciosamente à paróquia: “(...) eu era quem, por que... como era a tesoureira, eu ficava com o cartão [do banco], com o talão de cheques. Mas, tudo era depositado, quer dizer nesta poupança, que tinha na Caixa Econômica”. Segundo Isolda, “a Igreja [paroquial] tinha acesso àquela conta”. Os próprios extratos bancários desta conta eram endereçados à Paróquia, e não às residências das administradoras. A preocupação de Aída e Isolda era prestar contas ao pároco de tudo o que entrava – através das coletas em dias de missa e das campanhas e rifas promovidas durante a Festa do Rosário, no mês de outubro – e saía – pagamento de contas (água e luz) e funcionários (alguns com carteira assinadas pela associação), além de gastos com o sistema de som, etc.

No ano de 2004, após encontrarem a escritura, citada acima, as entrevistadas, em comum acordo, resolveram repassar a administração da Igreja do Rosário à Paróquia de Sto. Antônio.

Há relato de que Alacoque Sampaio, falecida em 1994, foi sepultada no interior da Igreja do Rosário, após a ter administrado durante muitos anos. O sepultamento dá mostras das dúvidas existentes entre Sampaio e Paróquia sobre a real propriedade do templo. Segundo Aída, quando sua tia faleceu, um membro da família teve a idéia de inumá-la no Rosário. Para tanto, Aída e um grupo de sobrinhos, foi em busca do pároco de Barbalha, que se encontrava celebrando em um sítio da localidade. O intuito do grupo era pedir autorização para o sepultamento. O pároco então teria respondido que não havia necessidade da autorização da paróquia, já que o Rosário era “particular”. A família tratou, então, de conseguir a autorização judicial, necessária a todo sepultamento feito fora dos cemitérios, e inumou, por fim, a devota senhora no corredor à esquerda do altar-mor de Nossa Senhora do Rosário. Em outras palavras, tanto a família quanto a paróquia, aparentemente, não sabiam definir a quem competia o uso do templo. Sobre esta história, humorada, Aída conclui: “(...) Quer dizer, nem precisou da autorização, que ele [o pároco] achava que a igreja era nossa [dos Sampaio]. Aí foi sepultada. Aí nós descobrimos [em tom de riso] que não era... [a partir do encontro da escritura de doação]”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: EDIFICAÇÕES	CE	BARBALHA	BARBALHA	07	F30	07
--	-----------	-----------------	-----------------	-----------	------------	-----------

No campo 6.1, Aída Sampaio faz alusão à paralisação da construção da Igreja do Rosário por conta da “Sedição de Juazeiro”, também conhecida como Guerra de 1914. Ao longo de algumas entrevistas deste inventário, a alusão aos acontecimentos de 1914 foi sendo repetida, o que demonstra o sentimento que alguns barbalhenses guardam para com o evento histórico citado, quando a cidade foi saqueada e diversas famílias a abandonaram. A Guerra de 1914 foi um confronto de âmbito estadual, mas com raízes na conjuntura política nacional. Com a ascensão do Marechal Hermes da Fonseca à presidência do Brasil, no ano de 1910, iniciou-se uma política denominada de “Salvação”. A base da mesma era a substituição das oligarquias estaduais por aliados do presidente. No caso do Ceará, a família Acioli foi substituída pela família Rabelo. Parte dos políticos caririenses, chefiados por Floro Bartholomeu e Pe. Cícero partiram em defesa da família destituída e um confronto com as forças aliadas do novo governo se deu no Cariri. É dentro deste contexto que se deu o referido saque a Barbalha. O resultado final da sedição foi a queda de Franco Rabelo. Contudo, Padre Cícero muito pagou por sua participação no movimento, já que a tensão com as autoridades eclesiásticas ficaram mais fortes desde então. Além disso, seus opositores passaram a classificá-lo como protetor de jagunços e bandidos.

**Ao longo do texto do campo 6.1, aparece à denominação Reis Longos, que acreditamos ser incorreta. Provavelmente, ao transcrever o manuscrito, Alacoque Sampaio tenha trocado a letra “c” pela letra “l”, confundindo “Congos” com “Longos”. Tal hipótese é respaldada pela transcrição que o estudioso caririense Irineu Pinheiro fez de um trecho da mesma ata, publicado no seu livro “Efemérides do Cariri”. Ao comparar os dois trechos, percebe-se que outros pontos entram em contradição, tais como a presença, omissão ou troca de palavras. Como não se sabe o paradeiro do manuscrito e a título de comparação e complementação, segue o trecho presente em Irineu Pinheiro. Os pontos em negrito apontam para as diferenças textuais mais significativas em relação ao livro de Alacoque Sampaio.

“O enrêdo era simples e versava em tórno de uma guerra, na qual um povo ignorado triunfava dos **Reis Congos e lhes mandava** um embaixador exigindo que o príncipe herdeiro da Coroa jurasse fidelidade e afirmasse vassalagem perpétua aos seus dominadores, vassalagem, aliás, já imposta e aceita pelos próprios Reis Congos. **Rei e rainha** apresentavam-se no cenário engalanados **com** grande uniformes, manto encarnado de fazenda fingindo púrpura pendentes dos ombros, espelho redondo ao peito, fazendo de comenda, medalhões de aljófar, **ambos os reis** coroados **com** coroas de papelão, **enfeitadas com** papel de lacre, que brilhava ofuscando a vista dos presentes. **Tinham** sua corte composta de guerreiros, empunhando lanças e vestindo todos grande uniforme, à romana, de cores mais **bizarrras e variegadas**. Desenrolava-se, então, a cena que começava por um combate, ao som de **canhões guerreiros, no qual combate** era vencido o Rei Congo. Aparece, então, o embaixador trajando **calções** escarlates, até o joelho, meias pretas, sapatos de entradas baixas, com fivelão parecendo de ouro, **casaca** azul **afogando-lhe** o pescoço e **caindo** em compridas abas abaixo da cintura, **de onde se** deixava ver suspensa uma espada. O embaixador, em tom arrogante, obtém a confissão da **submissão** do rei, exige juramento do príncipe. Rei e rainha, humilhados com a sua soberania, acovardados e miseráveis, imploram ao príncipe o juramento que há de pôr tórmo à luta. O príncipe resiste, permanece intransigente, e a rainha, vendo-se perdida, faz um voto à Virgem do Rosário. A resistência do príncipe salva a situação, **trocam-se, então**, os papéis, a luta continua, o **tinir** das espadas casa-se com as **canhões** dos guerreiros, agora reanimados pela fôrça da vontade de seu chefe, sendo **vencido e feito** prisioneiro o embaixador com seu trôço” (PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963, p. 534-535).

*Informações retiradas do Livro Caixa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, anos de 1891 a 1934.

11. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Q30 _Igreja do Rosário_ Maria Aída Sampaio Tavares (A4 115) e Maria Isolda Livônio Sampaio (A4 116).		
PESQUISADOR(ES)	Jucieldo Ferreira Alexandre		
SUPERVISOR	Olga Paiva		
REDATOR	Jucieldo Ferreira Alexandre e Simone Pereira da Silva		DATA Data de conclusão do inventário
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Renata Marinho Paz		